

# Almada Negreiros

## Manifestos e Conferências

Assírio & Alvim

«Eu queria que os outros dissessem de mim: Olha um homem! Como se diz: Olha um cão! quando passa um cão; como se diz: Olha uma árvore! quando há uma árvore. Assim, inteiro, sem adjetivos, só de uma peça: Um homem!». Esta vontade expressa por Almada Negreiros em *A Invenção do Dia Claro* (uma das suas notáveis conferências) é representativa da invulgar e indomável personalidade do ficcionista e dramaturgo, do pintor e poeta que nos legou *O Menino d'Olhos de Gigante* (1921) e desassossegou um certo atavismo da sociedade portuguesa na primeira metade do século XX. É essa personalidade do «poeta d'Orpheu futurista e tudo», como chegou a autodefinir-se, que podemos encontrar na obra *Manifestos e Conferências*, que reúne as célebres e polémicas intervenções de José de Almada Negreiros.

A edição (Assírio & Alvim) abre com o *Manifesto Anti-Dantas*, que deu brado em 1915 e mantém-se uma referência. Haviám desagradado a Júlio Dantas as ideias vanguardistas propostas pela revista *Orpheu* (de curta vida) à qual estavam ligados Pessoa, Mário de Sá-Carneiro e Almada. No umbigo literário de Dantas pareciam não caber tais ímpetos modernistas. Mas às críticas de Dantas respondeu a mordacidade de Almada.

À distância do tempo, a excentricidade de Almada parecerá quase ingénua, no entanto foi com esse toque teatral de génio que desarmou o reino da mediocridade, lançou ideias, fez da provocação um sábio e largo olhar centrado no despertar de consciências, seguro

disto: «Quando eu nasci, as frases que hão de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa — salvar a humanidade.»

Os manifestos e conferências eram, em particular na primeira metade do século XX, um modo acutilante de intervenção, um veículo do frenesi sócio político e cultural de novas correntes, a contrastar com um mundo atormentado por guerras e decrepitudes, por estéticas ensimesmadas. Numa permanente busca de saber, porventura numa mensagem comprometida com a inovação, Almada, aos vinte anos, começou a agitar o meio cultural português com desenhos satíricos. A insubmissão, a irreverência, a vitalidade são predicados que lhe andaram de mãos dadas. As honrarias não lhe amoleciam o desassombro. Daí (mesmo que não se comungue de todas as explanações almadanianas), perdurar o encantamento quando se revisita (ou descobre) a sua capacidade analítica, a agilidade do discurso, a inquietude de um espírito visionário. Sublinhe-se como Almada entendia a arte: «O próprio da Arte é ir adiante do que acontecerá. Porque o que acontecerá já foi escolhido antes pela Arte».

Ao poder-se contactar de perto e ver em toda a grandeza a obra do pintor Amadeo de Souza-Cardoso, quem saberia o que dissera de Amadeo o poeta futurista Almada, em 12 de dezembro de 1916? E disse-o há cem anos: «(...) Amadeo de Souza-Cardoso é a primeira Descoberta de Portugal na Europa no Século XX. (...) Felizmente para ti, leitor, que eu não sou crítico, razão porque te não chateio com elucidações da Arte (...) mas amanhã, quando já souberes que o valor de Amadeo de Souza-Cardoso é o que te digo aqui, terás remorsos de o não teres sabido ontem». Ainda existirá o substantivo remorso?, pergunto eu. E desculpem-me a dúvida.

Almada, nascido na Roça da Saudade, São Tomé (1893), em Lisboa cresceu e estudou; em Paris e Madrid aprofundou a criatividade, atento também ao futurismo italiano. À capital do Tejo regressava

sempre, casou-se com a pintora Sarah Afonso, filosofou, escreveu, pintou. A geometria enquanto símbolo, alegoria (como acontece, por exemplo, em *Da Vinci*) e a obsessão pelo número-mito ou místico (cujo legado recua milénios) marcaram o labor literário e, sobretudo, a expressão pictórica do mestre. Do mestre que, ao teorizar sobre *Direção Única*, desejava, talvez, demandar o lugar cósmico, a alma universal, o grande segredo do espírito, a «arte como revelação», e prosseguir no caminho infinito do conhecimento, da cultura, reflexões patentes, entre outros trabalhos, no poema gráfico *Começar*, à entrada da Gulbenkian, e nos frescos que enobrecem o átrio/galeria do *Diário de Notícias*.

O poeta-pintor-pensador morreu em 1970. Ao voltar-se à leitura de *Manifestos e Conferências* é de justiça cumprir-lhe o desejo — «Eu queria que os outros dissessem de mim: Olha um homem! (...) Assim, inteiro, sem adjetivos, só de uma peça: Um homem!».

Almada, pois. Olha um homem!

© MARIA AUGUSTA SILVA